

A NOÇÃO DE SALVAÇÃO NO LIVRO V DA REPÚBLICA DE PLATÃO

Antonio Orlando de Oliveira Dourado Lopes
Universidade Federal de Minas Gerais ¹

RESUMO: A importância da noção platônica de **salvação** (σωτηρία) aparece quando ela é relacionada com a questão platônica por excelência da convergência entre filosofia e política. A **salvação** diz respeito ao filósofo tanto quanto ao político, e isto porque os dois, para Platão, só podem ser o mesmo. Como este último pensamento é exposto de modo privilegiado no livro V da **República** (notadamente em 473c-e), é lá também que se pode achar as reflexões mais decisivas no que concerne o tema da **salvação**.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia-política, Platão, República, Salvação

No conjunto dos dez livros que compõem a **República** de Platão o livro V representa uma **passagem**. Trata-se de uma verdadeira transformação nas questões apresentadas nos quatro primeiros livros mas que não fere a continuidade do questionamento de Sócrates e seus companheiros nem a unidade primordial da obra. Refazer o percurso desta **passagem** é a tarefa que, segundo acreditamos, impõe-se de saída ao intérprete do livro V.

É já no início que o livro V pode ser compreendido em uma tal perspectiva: após uma breve fala de Sócrates, Polemarco estende-se e puxa a manga do manto de Adimanto; este, por sua vez, interpela Sócrates e exige-lhe que retome a questão da comunidade (κοινωνία) de mulheres e filhos (449a-450a).

A esta altura a interrupção de Polemarco pode ser considerada em referência ao início da **República** quando, no livro I, o mesmo Polemarco manda um de seus escravos interpelar Sócrates que, a uma certa distância, preparava-se para retornar a Atenas (327a-b). Temos, então, em linhas gerais, uma repetição da abertura do livro I: Polemarco toma a iniciativa de convocar um outro homem a interromper Sócrates e a impedir o mesmo de "escapar" ao diálogo.

Esta repetição parece indicar-nos, em primeiro lugar, o início de um novo questionamento, início este comparável ao da própria República². Em segundo

1. A presente exposição é a etapa inicial de elaboração da dissertação de mestrado a ser apresentada ao Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade do Rio de Janeiro, sob a orientação da Prof. Dr. Maria das Graças de Moraes Augusto.

2. Partindo desta aproximação do início do livro V com o livro I da **República**, não podemos deixar de considerar uma diferença fundamental: no livro V o homem que Polemarco convoca não é mais um escravo, mas Adimanto, um "companheiro" (ἑταῖρος) do diálogo dos quatro primeiros livros. Trata-se de um aspecto do "novo começo" do livro V que não poderia ser negligenciado.

lugar, a referência ao livro I vem enfatizar a importância da interrupção como elemento integrante do diálogo e decisivo em sua composição³.

Assim, o livro V nos apresenta a passagem a um novo diálogo, caracterizada não só pela interrupção de Polemarco como também pela introdução de novos temas de questionamento. Entre estes uma particular importância é atribuída à questão do início e da dificuldade inerentes ao percurso do diálogo.

Com tal riqueza de questões o livro V pode, então, ser considerado uma tematização da própria **passagem** ao novo questionamento. A interrupção de Polemarco e ao novo início que ela parece sugerir corresponde o jogo com os sentidos de início (*ἀρχή*), interrupção (*ἐπιλαβή*) e dificuldade (*χαλεπότης*). É por isto que tem lugar uma **passagem** única na República, de que encontramos testemunho nas seguintes palavras de Sócrates:

*Οἷον, ἦν δ' ἐγώ, εἰργάσασθε ἐπιλαβόμενοι
μου. ὅσον λόγον πάλιν ὥσπερ ἐξ ἀρχῆς
κινεῖτε περὶ τῆς πολιτείας.*

(O que lograris fazer interrompendo-me! – dizia eu. Que pensamento sobre a constituição política vós botais de novo em movimento, como de início! – 450a)⁴

Podemos dizer que nestas palavras de Sócrates Platão deixa manifestar-se a riqueza essencial do termo *ἀρχή*, sendo este extensamente empregado na tradição do pensamento grego e nela assumindo uma importância em muitos aspectos incomparável. Deste modo, *ἀρχή* faz conviverem no texto de Platão os sentidos de princípio cronológico ("início", "começo"), princípio ontológico ("ser", "origem"), e governo, principalmente⁵. A questão do início do diálogo no livro V é, desta forma, também a questão do "ser" do diálogo e também a do "poder" que a ciência (*ἐπιστήμη*) através do diálogo instaura.

Mas se a dificuldade (*χαλεπότης*) deve caracterizar fundamentalmente todo diálogo filosófico, se a interrupção (*ἐπιλαβή*) é um elemento decisivo do diálogo tal como nos mostra Platão na abertura do livro V, então por que é precisamente neste livro que este conjunto de questões é colocado? Por que isto não se deu antes ou depois em qualquer outro momento da República?

Creemos que a resposta a estas perguntas só nos é oferecida quando compreendemos o sentido que tem no livro V a noção de **salvação** (*σωτηρία*). Um tal sentido, por sua vez, só é acessível se considerarmos o livro V da República a partir de seu questionamento central, que atinge seu ponto culminante na afirmação

3. Se desenvolvermos esta argumentação poderemos definir com maior clareza as relações entre a interrupção e a *ὁμολογία* na dialética platônica. Uma compreensão decisiva e estreitamente relacionada à noção de interrupção é a que se expressa pelo advérbio. *ἔξαίφνης*: "subitamente". A interrupção é sempre "súbita". Veja-se, no livro V: 453c e 472a.

4. A tradução é nossa. As traduções apresentadas a seguir são de nossa autoria, com exceção das ocasiões em que se faz indicação em contrário. Sempre que possível servimo-nos da tradução da Profa. Maria Helena da Rocha Pereira (Platão, 1987).

5. É preciso atribuir ao termo *ἀρχή* a gravidade que lhe cabe no texto do diálogo platônico. Trata-se de um termo "estratégico" de Platão, empregado para indicar a convergência entre filosofia e política.

do rei-filosófico como a única possibilidade (δύναμις) de "realizar-se" (γίγνεσθαι) a πολιτεία (473c-e). Na verdade, pode-se mesmo dizer que todo o diálogo do livro V gira em torno desta célebre e controversa afirmação – controversa, aliás, já na perspectiva em que nos é apresentada no próprio texto da **República** (473e-474b).

Assim, a noção de **salvação** é, de um lado, parte do questionamento que culmina na figura do rei-filósofo. De outro lado ela é ainda, como pretendemos mostrar, a compreensão que articula esta mesma formulação no quadro de toda a argumentação do livro V. É como se a elaboração da figura platônica do rei-filósofo "**salvasse**" o diálogo cheio de dificuldades do livro V⁶.

Portanto, se para compreender-se a noção de **salvação** no livro V é preciso interpretar-se a figura do rei-filósofo, para compreender-se esta última também é imprescindível uma remissão à primeira. A pergunta pela possibilidade (δύναμις) da "realização" do "modelo" (παράδειγμα) da cidade boa (ἀγαθή πόλις) feito com o λόγος (λόγω, 472e) pode ainda ser compreendida como a pergunta pela possibilidade (δύναμις) da **salvação** (σωτηρία). Ambas, além do mais, e do acordo com os princípios (ἀρχαί) que determinam toda a **República**, não são senão a pergunta platônica pela possibilidade (δύναμις) da própria δικαιοσύνη, segundo nos lembra Sócrates pouco antes de afirmar a necessidade do rei-filósofo:

Οὐκοῦν, ἦν δ' ἐγώ, πρῶτον μὲν τόδε χρῆ
ἀναμνησθῆναι, ὅτι ἡμεῖς ζητοῦντες δικαιοσύνην οἷον ἐστὶ καὶ
ἀδικίαν δεῦρο
ἤκομεν.

(Então, dizia eu, é preciso, primeiramente, isto ser lembrado: que nós para procurar o que é a justiça e a injustiça aqui chegamos – 472b)

No espaço do livro V as três perguntas parecem equivaler-se. Vejamos, então, como se organiza a reflexão que nele se apresenta.

Após a definição de δικαιοσύνη finalmente conquistada no livro IV (444d), o livro V se inicia com a recolocação da questão da comunidade (κοινωνία) de homens e mulheres, previamente colocada no livro IV (423a-424a), e que determina a interrupção no diálogo conforme temos mostrado. Deste modo, o percurso que o diálogo nos propõe pode ser determinado nas seguintes etapas, dispostas segundo as três ondas a que Sócrates compara as dificuldades enfrentadas:

1ª onda-dificuldade: homens e mulheres receberem a mesma educação (παιδεία) é "não apenas possível mas a melhor lei para a cidade" (οὐ μόνον ἄρα δυνατόν, ἀλλὰ καὶ ἄριστον πόλει νόμιμον, 457a).

2ª onda-dificuldade: quanto à comunidade (κοινωνία) de mulheres e filhos proposta por Sócrates para todos estes homens (τῶν ἀνδρῶν τούτων πάντων, 457c-d), desenvolve-se a seguinte argumentação:

a. "o princípio do acordo ao qual se dirige o diálogo" (ἀρχὴ τῆς ὁμολογίας) é "o maior bem que temos a dizer para a disposição da

6. Segundo nossa interpretação a **salvação** responde pela própria estrutura interna do texto do livro V.

cidade" (τὸ μέγιστον ἀγαθὸν ἔχομεν εἰπεῖν εἰς πόλεως κατασκευήν, 462a);

- b. não há "maior bem para a cidade do que aquilo que a reunir e a tornar una" (τι μείζον ἀγαθὸν τοῦ ὅ ἄν ξυνδῆ τε καὶ ποιῆ μίαν, 462b)⁷;
- c. "a comunidade de prazer e de sofrimento une os cidadãos quando eles, no maior número possível, se regozijam e se afligem igualmente com as mesmas vantagens e perdas" (ἡ ἡδονῆς τε καὶ λύπης κοινωνία ξυνδεῖ, ὅ τι μάλιστα πάντες οἱ πολῖται τῶν αὐτῶν γιγνομένων τε καὶ ἀπολλυμένων παραπλησίως χαίρωσι καὶ λυπῶνται, 462b)⁸;
- d. a causa (αἰτία) da comunidade de prazer e de sofrimento é "a comunidade de mulheres e de crianças, para os guardiões" (ἡ τῶν γυναικῶν τε καὶ παίδων κοινωνία τοῖς φύλαξιν, 464a);
- e. a causa do maior bem para a cidade (τοῦ μεγίστου ἀγαθοῦ τῆ πόλει αἰτία) é "a comunidade para os protetores tanto das crianças como das mulheres" (ἡ κοινωνία τοῖς ἐπικούροις τῶν τε παίδων καὶ τῶν γυναικῶν, 464b)⁹;
- f. Sócrates arremata a argumentação dizendo que "estamos de acordo com o que dissemos antes" (καὶ μὲν δὴ καὶ τοῖς πρόσθεν γε ὡμολογοῦμεν, 464b)¹⁰, em nítida referência ao que dissera no início (462a, item "a" relativo à 2ª onda-dificuldade);

3ª onda-dificuldade: não há "termo dos males(...) para as cidades" (κακῶν παῦλα ταῖς πόλεσι) "a menos que" (ἐὰν μὴ) "ou os filósofos governem nas cidades ou os declarados reis e governantes filosofem legítima e suficientemente" (ἢ οἱ φιλόσοφοι βασιλεύσωσιν ἐν ταῖς πόλεσιν, ἢ οἱ βασιλῆες τε νῦν λεγόμενοι καὶ δυνάσται φιλοσοφήσωσι γνησίως τε καὶ ἱκανῶς, 473c-e).

Na parte final do livro V, que sucede à figura do rei-filósofo (**3ª onda-dificuldade**), o diálogo dedica-se a definir (διορίσασθαι) "os filósofos que ousamos afirmar deverem governar" (τοὺς φιλοσόφους τίνας λέγοντες τολμῶμεν φάναι δεῖν ἄρχειν, 474b).

7. Platão, 1987, p. 231.

8. Platão, 1987, p. 232.

9. Traduzimos o termo técnico da República "ἐπίκουρος" por "protetor". Levamos em consideração três aspectos distintos:

- a. a importância deste termo no livro V da República e nos demais livros em geral;
- b. os sentidos nele encontrados tanto de "socorro", "ajuda" e "auxílio" como de "salvaguarda" e "proteção";
- c. a necessidade de manter-se a univocidade na tradução ao longo de todo o texto. Deste modo, no trecho 463b, que citaremos mais à frente, e em que encontramos o mesmo termo, optamos pela mesma tradução. A tradução de "ἐπίκουρος" por "protetores" é da Profa. Maria Helena da Rocha Pereira, na tradução do passo 464d (Platão, 1987, p. 236).

10. Platão, 1987, p. 236.

Podemos, então, estabelecer a figura do rei-filósofo como uma espécie de divisor de águas do livro V, onde, na **primeira parte** (449a-473c), encontramos a colocação das questões a que a figura do rei-filósofo pretende apresentar algum tipo de resposta (ou seja, as três *ondas-dificuldades*); na **segunda parte** (473e-480a), por outro lado, temos uma explicitação da mesma figura do rei-filósofo, considerada a partir da variedade de significações que a tradição atribui ao termo "filósofo" em geral. É preciso determinar-se com toda a precisão possível, a "qual" filósofo se está referindo.

Desta forma, vemos que a figura do rei-filósofo não pretende responder de algum modo apenas à questão imediatamente a ela ligada, a saber, a **3ª onda-dificuldade**, a questão da possibilidade (δύναμις) de "realizar-se" (γίγνεσθαι) a πολιτεία elaborada por Sócrates e seus companheiros (λόγῳ). O rei-filósofo configura, outrossim, o encaminhamento das respostas também à **1ª** e à **2ª ondas-dificuldades**, uma vez que só há sentido em encaminhar-se e resolver-se as dificuldades relativas à distribuição de ocupações (ἐπιτηδεύματα) e à comunidade (κοινωνία) entre homens e mulheres caso a cidade em que tais dificuldades têm lugar possa "realizar-se" (γίγνεσθαι). É por isto que as *ondas-dificuldades* de que nos fala Sócrates são maiores e mais terríveis à medida em que se sucedem, pois cada nova *onda-dificuldade* "acumula" as que lhe antecederam.

De acordo com nossa interpretação, as três dificuldades que enfrentam Sócrates e os demais participantes do diálogo podem não passar de desdobramentos de uma única dificuldade (χαλεπότης), a saber, a **dificuldade da salvação** (σωτηρία) da πόλις¹¹. "Segundo a República", a πόλις só pode ser salva se for possível "realizar-se" (γίγνεσθαι) a πολιτεία elaborada pelo λόγος. Por "realizar-se" compreende-se a "realização" de algo que for muito semelhante (τι ὁμοιότατος – veja-se 472b-473b) à boa cidade.

É por isso que nós lemos no mesmo livro V que o "povo" (δῆμος) da cidade de Sócrates e seus companheiros chamará seus governantes (ἄρχοντες) de **salvadores** (σωτήρες, 463b) e, mais à frente, ao falar-se dos homens que habitarão a referida cidade, que "a vitória que eles vencem é a **salvação** de toda a cidade" (ξυμπάσης τῆς τόλεως σωτηρίαν, 465d).

Nestas duas referências à **salvação** não encontramos nenhuma espécie de desenvolvimento ou explicitação desta noção, ou qualquer comentário que as esclarecesse, assim como não os há nas três **únicas** outras ocasiões no livro V em

11. É apenas no livro VI que encontramos explicitada a compreensão da **dificuldade de salvação** (χαλεπότης τῆς σωτηρίας), que consideramos fundamental não apenas para os livros V e VI mas para toda a República. Trata-se da ocasião em que Sócrates, falando da possibilidade de um rei-filósofo e supondo um regime de transmissão hereditária de poder, refere-se aos "filhos, nascidos filósofos em relação às suas naturezas, de reis ou governantes" (γενόμενοι βασιλέων ἔκγονοι ἢ δυναστῶν τὰς φύσεις φιλόσοφοι – 502a):

(...) ὡς μὲν γὰρ χαλεπὸν σωθῆναι, καὶ ἡμεῖς συγχοροῦμεν ὡς δὲ ἐν παιντὶ τῷ χρόνῳ τῶν πάντων οὐδέποτε οὐδ' ἂν εἰς σωθείη, ἐσθ' ὅστις ἀμφισβητήσει;

(Que é difícil que se salvem, até nós concordamos. Mas que em todos os tempos nem um só se salvasse jamais entre todos, há quem o discuta? – 502a-b. Platão, 1987, p. 299)

que se refere à **salvação**: 453c, 455b, 467e. Sendo assim, em que consiste propriamente uma interpretação que pretende colocar a noção de **salvação** lado a lado com a figura do rei-filósofo e fazer de ambas o centro em torno do qual gira todo o questionamento do livro V? Como se sustenta esta interpretação em vista de tão poucas referências as quais, ainda por cima, parecem ser excessivamente econômicas para tão importante papel?

Se observamos com mais atenção vemos que, quando Gláucon, respondendo a Sócrates, diz que o "povo" da cidade boa (ἀγαθὴ πόλις) chamará seus governantes de "**salvadores**" (a resposta completa de Gláucon é: "Salvadores e protetores" – Σωτήρας τε καὶ ἐπικούρους, 463b), a ausência de qualquer explicitação acerca do sentido de **salvação** aí em jogo ou de qualquer comentário sobre a resposta de Gláucon não parece indicar falta de importância da noção de **salvação** no texto do livro V. Do mesmo modo, a comparação de Sócrates dos cidadãos da cidade boa a atletas vencedores que conquistam "a **salvação** de toda a cidade" parece-nos remeter a uma compreensão subjacente a todo o diálogo e que só por isto pode dispensar explicações sobressalentes.

Em ambos os casos o diálogo sugere, por seus contextos específicos, que à noção de **salvação** convem uma medida própria, um certo comedimento no qual não há lugar para outra apresentação que não seja "econômica". Não se poderia estabelecer um diálogo que se detivesse na tematização da **salvação**. Ao que parece, este modo próprio da noção platônica de **salvação** apresentar-se, econômico, conciso, corresponde ao seu sentido fundamental.

Em um terceiro momento do livro V, em que Platão refere-se à noção de **salvação**, encontramos uma compreensão que acrescenta novos argumentos à nossa interpretação. Trata-se, a bem dizer, da primeira vez em que se fala de **salvação** no livro V da **República**, além de ser a ocasião em que melhor se oferece a oportunidade de atingir seu sentido seu sentido mais próprio.

Estamos evocando um momento do diálogo inicial do livro V, quando Sócrates e seus companheiros encontram-se às voltas com a **1ª onda-dificuldade**, segundo as próprias palavras de Sócrates que lemos adiante (457b-c). A esta altura o diálogo é marcado pelo novo início que a recolocação da questão da distribuição de ocupações (ἐπιτηδεύματα) entre homens e mulheres caracteriza. Assim, conforme mostramos no começo de nossa exposição, ao lado da referida questão vemos um não menos importante questionamento acerca da possibilidade do próprio diálogo, envolvendo as noções de início (ἀρχή), interrupção (ἐπιλαβή) e dificuldade (χαλεπότης). É partindo da confluência destas questões que Sócrates e Gláucon desenvolvem o seguinte diálogo:

Οὐ μὰ τὸν Δία, ἔφη, οὐ γὰρ εὐκόλῳ ἔοικεν. Οὐ γὰρ, εἶπον
ἀλλὰ δὴ ᾧδ' ἔχει· ἂν τέ τις εἰς κολυμβήθραν μικρὰν ἐμπέσῃ,
ἂν τε εἰς τὸ μέγιστον πέλαγος μέσον, ὅμως γε νεῖ οὐδὲν
ἦττον. Πάνυ μὲν οὖν. Οὐκοῦν καὶ ἡμῖν νευστέον καὶ πειρατέον
σώζεσθαι ἐκ τοῦ λόγου, ἦτοι δελφῖνά τινα ἐλπίζοντας ἡμᾶς
ὑπολαβεῖν ἂν, ἢ τινα ἄλλην ἄπορον σωτηρίαν.

(Gláucon: Por Zeus que não parece cômodo!

Sócrates: Não, com efeito, dizia eu. Mas, assim sendo, se alguém cai

*em uma pequena piscina ou no meio do enorme mar
semelhantemente não nada menos.*

Gláucôn: De modo algum.

*Sócrates: Então também nós temos que nadar e tentar ser salvos a
partir do λόγος, ou esperando que algum golfinho nos carregue ou
alguma outra inacessível salvação. 453-e)¹²*

Neste pequeno trecho vemos a comparação da situação em que se encontra o diálogo a um homem lançado ao mar. Chamemos a situação do homem no mar, enunciada por Sócrates, de "imagem", mesmo sabendo tratar-se de um título precário e sem nos preocuparmos, por ora, em precisar como se relaciona esta com as demais apresentações do λόγος platônico¹³.

Ora, seguindo nossa interpretação, podemos dizer que a **dificuldade** do diálogo que a "imagem" elaborada por Sócrates pretende traduzir tanto diz respeito à dificuldade da precisa questão da distribuição de ocupações (ἐπιτηδεύματα) entre homens e mulheres quanto à dificuldade concernente ao diálogo considerado em sua própria natureza. Deste modo, apesar de referir-se diretamente apenas à primeira da série de três **ondas-dificuldades** do livro V, a "imagem" elaborada por Sócrates pode ser compreendida em relação a todo o questionamento que, como vimos, atinge seu cume na figura do rei-filósofo.

Por um lado, já mostramos que cada **onda-dificuldade** "acumula" a anterior, estando as três indissociavelmente ligadas entre si. Remetendo-se à **1ª onda-dificuldade**, a "imagem" elaborada por Sócrates refere-se também, necessariamente, às outras duas. Por outro lado, a possibilidade da cidade boa, que depende do rei-filósofo para "realizar-se", está necessariamente relacionada também à possibilidade do diálogo. Se levamos a sério a configuração do diálogo platônico, que diálogo seria possível fora dos limites (ὅροι) da πόλις? Ou, de modo ainda mais claro: que sentido há em pensar em diálogo fora dos limites da πόλις?

Relacionando, deste modo, a "imagem" elaborada por Sócrates a todo o questionamento do livro V, e não apenas à **1ª onda-dificuldade**, acreditamos poder aproximar a "imagem" à figura do rei-filósofo (473c-e). Como mostramos acima, também esta última não se limita a encaminhar uma resposta apenas à **3ª onda-dificuldade**. Na verdade, ambos os momentos parecem corresponder-se, cada qual apresentando de um modo o núcleo do diálogo do livro V: a "imagem" do homem lançado ao mar no início do questionamento e a figura do rei-filósofo em seu cume.

Retomamos, portanto, nossa argumentação anterior, quando dizíamos que a questão da possibilidade (δύναμις) da cidade boa (ἀγαθὴ πόλις) corresponde, no livro V da **República**, à da possibilidade da **salvação** (σωτηρία) e à

12. Escolhemos não traduzir o termo "λόγος" por considerar necessário não limitá-lo a nenhum dos sentidos parciais de que dispomos comumente para traduzi-lo. A compreensão do que seja o sentido platônico de "λόγος" é, antes, a "meta" de nossa exposição, que não poderia deixar-se limitar por um ponto de partida parcial.

13. Abrimos mão, no momento, de um confronto tanto com os "mitos" encontrados em diversos diálogos de Platão como com a conhecida "estória" da libertação da caverna, que aparece no livro VII da **República**. Ambas as comparações nos parecem necessárias para uma efetiva compreensão do sentido disto que provisoriamente chamamos de "imagem" elaborada por Sócrates.

da possibilidade da δικαιοσύνη. Veremos, a seguir, o que quer dizer esta correspondência.

Temos construído nossa argumentação em torno a três das cinco referências à noção de **salvação** encontradas no livro V¹⁴. Duas delas, as que abordamos em primeiro lugar, mostram a **salvação** como **salvação da πόλις**: na primeira (463b), os governantes (ἄρχοντες) da πόλις são chamados de **salvadores** (σωτήρες); na segunda (465d), são os cidadãos da πόλις (πολίται) que, como atletas vencedores, vencem conquistando a **salvação da πόλις** (ξυμπάσης τῆς πόλεως σωτηρίαν). Nas duas ocasiões a **salvação** diz respeito, de um modo ou de outro, à unidade da πόλις, o maior bem (ἀγαθόν) que pode acontecer para a cidade (πόλει), como vimos anteriormente (462a-b).

Entretanto, na terceira referência à **salvação** que abordamos (453d-e), esta não aparece com o mesmo sentido determinado de **salvação da πόλις**. Lá, segundo a "imagem" elaborada por Sócrates, "nós" é que podemos ser ou não ser **salvos**. E "nós", no diálogo de Platão, parece dizer: "nós, o diálogo".

Assim, a "imagem" do homem lançado ao mar acena para os perigos do diálogo, mas também para suas potencialidades. Mas que perigos e potencialidades são estes?

Sem dúvida a resposta a esta questão não é fácil nem imediata. Estamos vendo, todavia, que Platão constrói o texto da **República** movido pela mútua referência entre λόγος e πόλις. Não há diálogo fora da πόλις. Deste modo, temos já um ponto de partida na compreensão de que a **salvação do diálogo**, a **salvação a partir do λόγος** de que nos fala Sócrates (453d), se não é a mesma que a **salvação da πόλις**, está, ao menos, a ela estreitamente vinculada.

Para que se esclareça este vínculo é preciso determinar-se o que propriamente vem a ser uma e outra **salvação**. Ora, esta determinação só é possível, por sua vez, quando consideramos um terceiro sentido de **salvação**, o de **salvação da alma** (ψυχή). É no **Fédon** que encontramos tematizada esta **salvação**, em uma compreensão diretamente ligada à argumentação de Sócrates sobre a imortalidade da alma. Em uma fala de Sócrates, então, nós lemos:

Νῦν δὲ, ἐπειδὴ ἀθάνατος φαίνεται οὖσα, οὐδεμία ἂν εἴη αὐτῇ ἄλλη ἀποφυγὴ κακῶν οὐδὲ σωτηρία, πλὴν τοῦ ὡς βελτίστην τε καὶ φρονιμοτάτην γενέσθαι.

(Mas agora, uma vez que a alma aparece sendo imortal, não haveria para ela nenhuma outra fuga dos males nem, tampouco, nenhuma salvação que não tornar-se muitíssimo boa e sábia. Fédon 107c-d)

Aqui a **salvação** é "tornar-se muitíssimo boa e sábia", o que só é possível a partir do λόγος. De um lado, temos a **salvação** que é a unidade da πόλις, e de outro, a **salvação** que torna a alma (ψυχή) "boa e sábia". Tanto uma como outra realiza-se a partir e através do λόγος, ou seja, do λόγος que é o pensamento, a

14. As duas outras referências à **salvação** encontradas no livro V da **República** (455b; 467e) não serão abordadas no espaço reservado às reflexões que por ora apresentamos. Ambas fazem parte de um estudo subsequente a este, que ainda aguarda por ser realizado.

compreensão, a palavra que dá lugar à sabedoria (φρόνησις) da alma, e do λόγος que é a palavra da ágora ateniense, a palavra política por excelência, que dá sentido tanto à vida privada quanto à pública. A mútua referência entre πόλις e λόγος aparece, então, da seguinte forma: não há sabedoria (φρόνησις) ausente da πόλις – não há unidade política alheia ao λόγος. **Salvação da cidade e salvação da alma** equivalem-se.

Podemos, portanto, dizer que, em sentido fundamental, tanto a **salvação da cidade** como a **salvação da alma** são sempre e necessariamente **salvação a partir do λόγος**. É por este motivo que é na "imagem" do homem lançado ao mar que encontramos a **salvação** em sua perspectiva mais decisiva.

Na "imagem" elaborada por Sócrates "ser salvos a partir do λόγος" (ἐκ τοῦ λόγου) é uma **"salvação inacessível"** (ἄπορος σωτηρία). "Inacessível" (ἄπορος) é aquilo que nunca chega, o que não acontece nem pode acontecer. Portanto estabelecer-se, nesta fala de Sócrates, uma evidente tensão entre a "nossa" espera (ἐλπίζοντας ἡμᾶς) pela **salvação** e a "inacessibilidade" (traduzindo "ἀπορία") desta mesma **salvação**. Mas o que é, afinal, esta **"inacessível salvação"**?

A salvação de que nos fala Sócrates é exemplificada por um golfinho que, surgindo subitamente, **salva** ao "nos" carregar (ὑπολαβεῖν). Já no contexto do diálogo em que aparece a "imagem", a **salvação** esperada é a superação da dificuldade acerca da distribuição de ocupações entre homens e mulheres. Em um terceiro ponto de vista, tomando em consideração todo o questionamento do livro V, a **salvação** é o que torna possível a cidade boa (ἀγαθὴ πόλις). O que têm em comum estes três níveis do diálogo?

De certa forma a resposta a esta pergunta já está dada. Não dissemos antes que as **três ondas-dificuldades** que estruturam o diálogo do livro V podem ser consideradas desdobramentos da **dificuldade de salvação**? Pois o que há em comum entre as três perspectivas da **salvação** que se encontram na "imagem" do homem lançado ao mar, ou melhor, o que **une** estas três perspectivas, é justamente a **dificuldade** (χαλεπότης): tanto o golfinho que "nos" carrega do mar (πέλαγος), quanto a distribuição de ocupações entre homens e mulheres e a figura do rei-filósofo são **salvações possíveis** (δυναταί), porém **difíceis** (χαλεπαί).

Preparando seus ouvintes para a figura do rei-filósofo, Sócrates lhes fala, referindo-se antecipadamente a esta, de uma alteração (μεταβολή) na cidade que não é "pequena nem fácil, conquanto possível" (οὐ μέντοι μικροῦ γε οὐδὲ ῥαδίου, δυνατοῦ δέ. 473c)¹⁵. Uma segunda indicação da **dificuldade** arremata a apresentação da figura do rei-filósofo: "é difícil ver, com efeito, que alguém de outro modo não poderia ser feliz, nem em relação à vida privada nem à pública" (χαλεπὸν γὰρ ἰδεῖν, ὅτι οὐκ ἂν ἄλλη τις εὐδαιμονήσειεν οὔτε ἰδίᾳ οὔτε δημοσίᾳ. 473e)

Assim, a **salvação inacessível** (ἄπορος σωτηρία), que é esperada (ἐλπίζεται) no meio do mar (πέλαγος μέσον) ou no meio do diálogo¹⁶, é a **salvação** propiciada por aquilo que é **difícil** (χαλεπὸν). O que é **difícil**, por sua vez, é o que pode "realizar-se" (γίγνεσθαι), mas que nunca "se realizou". É o caso do rei-

15 . Platão, 1987, p. 251.

16 . Composta por 10 livros, a **República** de Platão tem seu meio aritmético entre os livros V e VI.

filósofo. É por nunca se ter "realizado" que se questiona se o rei-filósofo é ou não possível – isto é, que faz sentido colocar-se esta questão.

Entretanto, se atribuirmos ao dizer (λέγειν) do diálogo platônico toda a gravidade que Platão parece conferir ao λόγος da filosofia (veja-se a 2ª parte do livro V, segundo nossa divisão: 473e-480a), não nos é permitido suspeitar da **possibilidade** (δύναμις) do que é dito (λεγόμενον). Afinal, o que decide o que é ou não **possível** é o próprio λόγος. É neste sentido que a figura do rei-filósofo, que é "apenas dita", ainda que nunca se tenha "realizado", é **difícil**.

Como dizíamos no início, o livro V da **República** representa uma **passagem**. Àquela altura caracterizávamos esta **passagem** segundo a retomada do antigo questionamento sobre a distribuição de ocupações entre homens e mulheres. É a interrupção (έπιλαβή) que inaugura o livro V. Vimos, no decorrer de nossa exposição, que a **passagem** que verdadeiramente se dá no livro V é, antes, a que leva do questionamento acerca da **possibilidade** (δύναμις) da πολιτεία elaborada pelo λόγος (λόγω) ao questionamento da **difícilidade de salvação**. Trata-se de um questionamento que se revela tanto mais determinante quanto se leva em consideração que a **passagem** de um a outro questionamento acarreta não apenas a transformação da questão mas também a do próprio modo de questionar.

Se, por um lado, dizemos que a **difícilidade de salvação** aparece como fundo do questionamento de toda a **República**, por outro ela permanece latente às discussões abordadas e visível apenas à luz de uma interpretação que considere devidamente a figura do rei-filósofo. A noção platônica de **salvação** cabe, como dizíamos, uma medida própria.

*Résumé: L'importance de la notion platonicienne de **salut** (σωτηρία) apparaît lorsqu'on la met en rapport avec la question platonicienne par excellence de la convergence entre la philosophie et la politique. Le **salut** concerne le philosophe aussi bien que le politique, et cela parce que tous les deux, pour Platon, ne peuvent être que le même. Comme une telle pensée est exposée de façon privilégiée au livre V de la **République** (notamment à 473c-e) c'est là aussi qu'on trouvera les réflexions les plus décisives en ce qui appartient au thème du **salut**.*

BIBLIOGRAFIA

PLATÃO. The Republic of Plato. Edição do texto grego por James Adam. Cambridge: Cambridge University Press, 1969, 2v.

PLATÃO. Res publica. Edição do texto grego por John Burnet. Oxford: Oxonii e Typographeo Clarendoniano, 1965.

PLATÃO. A República. Tradução por Maria Helena da Rocha Pereira a partir da edição do texto grego de John Burnet. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987, 5ª edição.

PLATÃO. Phédon. Tradução e edição do texto grego por Léon Robin. Paris: Les Belles Lettres, 1957.